

RISCOS OCUPACIONAIS NA PRÁTICA DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NO SERVIÇO DE ATENDIMENTO MÓVEL DE URGÊNCIA

Inayá Costa Souza Andrade¹

Fábio Lisboa Barreto²

Camila Torres da Paz³

Sanjaya Mara Gatis Mayan⁴

Beatriz Guimarães Gentil Fraga⁵

Resumo: O trabalho em saúde é considerado potencialmente insalubre e expõe os trabalhadores a uma infinidade de riscos ocupacionais. Os trabalhadores de enfermagem, principalmente os que atuam no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência estão susceptíveis a diversos tipos de riscos ocupacionais, que podem implicar em acidentes de trabalho. Assim, sabendo que a saúde do trabalhador é tema de extrema relevância e que a equipe de enfermagem do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência está sujeita a inúmeros riscos ocupacionais, surgiu a seguinte questão de investigação: Quais os riscos ocupacionais presentes no processo de trabalho da equipe de enfermagem que atua em um Serviço de Atendimento Móvel de Urgência? O objetivo foi conhecer os riscos ocupacionais presentes na prática da equipe de enfermagem que atua no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. Tratou-se de um estudo exploratório, descritivo de

¹ Enfermeira graduada pela Faculdade Maria Milza (FAMAM) – Governador Mangabeira/Bahia. CV: <http://lattes.cnpq.br/0093703454100178>. E-mail: inayaandrade@gmail.com

² Enfermeiro, Especialista em Auditoria de Serviços e Sistemas de Saúde, Docente da Faculdade Maria Milza (FAMAM) – Governador Mangabeira/Bahia. CV: <http://lattes.cnpq.br/4627444485745152>. E-mail: Lisboa.auditor@gmail.com.

³ Enfermeira, Especialista em Enfermagem Obstétrica e em Educação Permanente em Saúde, Mestra em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (FAMAM), Docente da Especialização em Enfermagem Obstétrica da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), Docente da Faculdade Maria Milza (FAMAM) – Governador Mangabeira/Bahia. CV: <http://lattes.cnpq.br/1880862855767805>. E-mail: camilatorrespaz@gmail.com.

⁴ Enfermeira, Especialista em Enfermagem Oncológica Clínica pelo Centro Universidade Jorge Amado (UNIJORGE), Especialista em Enfermagem Obstétrica da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP) – Salvador/Bahia. CV: <http://lattes.cnpq.br/3581025445109676>. E-mail: sanjaya_gatis@hotmail.com.

⁵ Discente do Bacharelado de Enfermagem na Faculdade Maria Milza (FAMAM) – Governador Mangabeira/Bahia. CV: <http://lattes.cnpq.br/2390902166913382>. E-mail: fragabia@hotmail.com.

abordagem qualitativa, que foi desenvolvido na sede do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência de um município do Recôncavo Baiano, com os trabalhadores de enfermagem que atuam no serviço. Os dados foram coletados através de um questionário com questões mistas, além de observações da prática, posteriormente, analisados a luz da técnica da análise de conteúdo. Diante do exposto, esta pesquisa justifica-se por propor uma reflexão sobre o processo de trabalho da equipe de enfermagem no atendimento pré-hospitalar móvel de urgência e emergência do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, tiveram como ponto central a discussão sobre os fatores de riscos que estão expostos esses profissionais.

Palavras-chave: Enfermagem. Medidas de proteção. Segurança no Trabalho.

Abstract: Health work is considered potentially unhealthy and exposes workers to a multitude of occupational hazards. Nursing workers, especially those who work in the Mobile Emergency Care Service, are susceptible to several types of occupational hazards, which can lead to occupational accidents. Thus, knowing that the health of the worker is extremely relevant and that the nursing team of the Mobile Emergency Care Service is subject to numerous occupational hazards, it has the following research question: What occupational risks are present in the work process of the nursing team that acts in a Mobile Emergency Care Service? The objective was to know the occupational risks present in the practice of the nursing team that acts in the Mobile Emergency Care Service. It was an exploratory, descriptive study of a qualitative approach, which was developed at the headquarters of the Mobile Emergency Care Service of a municipality of Recôncavo Baiano, with the nursing workers who work in the service. The data were collected through a questionnaire with mixed questions, besides observations of the practice, later, analyzed in light of the technique of content analysis. In view of the above, this research is justified by proposing a reflection on the work process of the nursing team in the emergency pre-hospital emergency and Mobile Emergency Care Service, had as a central point the discussion about the factors of risks that these professionals are exposed to.

Keywords: Nursing. Protective measures. Safety at work.

1 Introdução

O trabalho em saúde é considerado potencialmente insalubre e expõe os trabalhadores a uma infinidade de riscos ocupacionais causados por fatores físicos, químicos, biológicos, psicossociais, ergonômicos e mecânicos (RIBEIRO; CHRISTINNE; ESPÍNDULA, 2010). Os trabalhadores de enfermagem, em razão da exposição diária aos riscos ocupacionais e por se tratar da categoria profissional mais numerosa nos Estabelecimentos de Assistência à Saúde (EAS), aparecem como as maiores vítimas de Acidentes de Trabalho (AT) e Doenças Ocupacionais (DO) nesse setor (CASTRO; FARIAS, 2008).

No atendimento pré-hospitalar, particularmente no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), para além dos riscos ocupacionais inerentes as atividades em EAS de urgência e emergência, a equipe de enfermagem está exposta a outros riscos, a exemplo do risco de acidentes de trânsito no deslocamento para o atendimento das ocorrências e da vulnerabilidade das equipes quando em atendimento a chamados em localidades com alto índice de criminalidade (RIBEIRO; CHRISTINNE; ESPÍNDULA, 2010).

Com efeito, o SAMU é um programa de âmbito Federal, criado em 2003, que têm o objetivo de ordenar o fluxo assistencial e prestar assistência pré-hospitalar à vítima que se encontra em situação de urgência ou emergência. O serviço é acionado através do telefone 192 e funciona 24 horas por dia, sendo a equipe composta por profissionais médicos, enfermeiros, auxiliares/técnicos de enfermagem, condutores de veículo e rádio operador (BRASIL, 2013).

Entende-se que a equipe de enfermagem deve exercer o autocuidado, bem como zelar pela prevenção dos riscos ocupacionais e pela promoção da saúde, sendo de sua responsabilidade profissional buscar a precaução frente a qualquer circunstância, enfatizando a utilização de técnica correta, um processo de trabalho organizado e o uso dos EPI's (MARTINS et al., 2014). Diante disto, Bessa et al. (2010, p. 645) fazem a seguinte indagação “a enfermagem é a profissão do cuidar, mas quem cuida desses profissionais que muitas vezes negligenciam o seu próprio autocuidado?”

Portanto, o estudo teve a seguinte questão de investigação: Quais os riscos ocupacionais presentes no processo de trabalho da equipe de enfermagem que atua em um Serviço de Atendimento Móvel de Urgência?

Desta forma, o presente estudo teve como objetivo geral: Conhecer os riscos ocupacionais presentes na prática da equipe de enfermagem que atua no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. Adicionalmente, foram os objetivos específicos: descrever as condições de trabalho da equipe de enfermagem que atua no SAMU; identificar interferentes no processo de trabalho da equipe do SAMU que os tornam expostos a riscos ocupacionais; e conhecer as principais ocorrências de acidente trabalho que acometem os profissionais de enfermagem que atuam no SAMU.

Diante do exposto, esta pesquisa justifica-se por propor uma reflexão sobre o processo de trabalho da equipe de enfermagem no atendimento pré-hospitalar móvel de urgência e emergência do SAMU, teve como ponto central a discussão sobre os fatores de riscos ocupacionais que estão expostos esses profissionais.

2 Metodologia

Para conhecer os riscos ocupacionais presentes na prática da equipe de enfermagem que atua em um Serviço Móvel de Urgência do Recôncavo Baiano (SAMU), foi realizado um estudo descritivo de abordagem qualitativa.

O local deste estudo foi uma Unidade de Serviço Móvel de Urgência (SAMU), localizada em um município do Recôncavo Baiano. O SAMU integra a Regional ReconVale, composta por duas microrregiões de saúde – Santo Antonio de Jesus e Cruz Das Almas. Compõem a regional ReconVale 32 municípios, contando com uma Central de Regulação Médica das Urgências, duas Unidades de Suporte Avançado (USA) e dezessete Unidades de Suporte Básico (USB), tendo como sua responsabilidade o atendimento estimado de aproximadamente 255 mil e 455 mil habitantes, respectivamente (BAHIA, 2009)

A Base de interesse desse estudo, foi implantada no ano de 2011 com o objetivo de beneficiar oito municípios, totalizando 75.000 habitantes contemplados com o serviço. Possui uma ambulância para assistência de suporte básico de vida e uma ambulância de suporte avançado, com 05 técnicos de enfermagem, 10 condutores, 01 auxiliares de serviços gerais, 05 médicos intervencionistas e 05 enfermeiros.

Os participantes do estudo foram 05 técnicos de enfermagem e 05 enfermeiros atuantes no SAMU do referido município.

Como critérios de inclusão, foram utilizados: 1) Atuar em SAMU há, pelo menos,

seis meses, período mínimo necessário para o conhecimento real do processo de trabalho desenvolvido; 2) estar trabalhando na unidade no período da execução da coleta de dados. Foram excluídos aqueles profissionais que: 1) se recusaram a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). 2) Estiverem de férias ou em afastamento para cuidar da saúde no período da coleta de dados.

Com o intuito de responder ao objetivo da pesquisa, foi utilizado um questionário com onze questões mistas como instrumento de coleta de dados.

Em tempo, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi condição indispensável para a participação, devendo ser o mesmo assinado ainda no primeiro contato com os participantes da pesquisa.

Também, foram realizadas 20 horas de observação não participante, dando enfoque a atividades efetuadas na base, divididas em cinco momentos. Nesse sentido, foi utilizado um bloco de notas para as anotações do processo de observação referente ao meio físico e o processo assistencial.

No primeiro momento, o investigador esclareceu os objetivos da pesquisa aos investigados para conhecimento destes sobre a pesquisa. Após o esclarecimento, foi iniciada a coleta dos dados, a partir da assinatura e consentimento espontâneo dos participantes sobre a sua participação, através da assinatura do TCLE, como preconiza a resolução 466/12 (BRASIL 2012).

Vale ressaltar que os investigados receberam códigos, visando preservar a identidade dos mesmos, logo, serão identificados por E1, E2, E3.../TE, TE2, TE3...

Para analisar os dados foi utilizado o método da análise de conteúdo. Este método é muito usado na pesquisa qualitativa por contribuir para a descoberta de dados subjetivos dos sujeitos investigados (MINAYO, 2012).

Para sistematizar a análise de dados, foi realizada uma ordenação do grupo de informações. Posteriormente, foi realizada uma leitura crítica para a redação final, organização do conteúdo e redação dos conceitos finais.

3 Resultados e discussão

Primeiramente, buscou-se conhecer o perfil sócio profissional dos participantes da pesquisa.

Quadro 1 – Caracterização dos participantes de acordo com categoria profissional, gênero e faixa etária.

<i>Categoria Profissional</i>		<i>Enfermeiros</i>	<i>Técnicos de Enfermagem</i>	<i>%</i>
Sexo	Feminino	3	2	71,43%
	Masculino	1	28,57%	
Faixa etária	20 á 35 anos	2	0	28,58%
	36 á 40 anos	2	3	71,42%
	41 á 45 anos	0	0	0%
Total %		57,15%	42,85%	100%

Fonte: Elaborados pelo autor.

A amostra da pesquisa totalizou um número de 7 (sete) profissionais da equipe de enfermagem entre eles foram 4 (quatro) enfermeiros, sendo que 3 (três) mulheres 1 (um) homem e 3 (três) técnicos de enfermagem, sendo que 2 (dois) mulheres 1 (um) homem, onde o efetivo 71% do efetivo total corresponde ao sexo feminino. De acordo com a faixa etária, foi possível identificar que 5 participantes têm entre 36 e 42 anos (71%) e 2 participantes entre 20 e 32 anos (29%). Além disso, observa-se que de acordo com a categoria profissional houve uma discreta predominância de enfermeiros (57%) quando comparado ao quantitativo de técnicos de enfermagem (43%).

Diante do exposto, o número de mulheres chama atenção, principalmente quando comparado a outros estudos sobre a categoria. Em um estudo com o objetivo de caracterizar o perfil dos técnicos de enfermagem que atuam no SAMU foi possível identificar que 55,55% eram do gênero feminino e 77,76% apresentavam uma idade entre 24 e 54 anos (SANTANA et al., 2015).

Ainda nesse sentido, Almeida et al. (2013) destaca essa quantidade significativa de mulheres na composição de equipe de enfermagem que atua no SAMU como uma característica comum e considera a inclusão e o aumento do gênero masculino nessa área de atuação como forma de superação da presença feminina nas atividades que fazem referência ao cuidar.

Quadro 2 – Caracterização dos participantes de acordo com o tempo de atuação no SAMU e a formação complementar.

<i>Categoria profissional</i>	<i>Enfermeiros</i>	<i>Técnicos em Enfermagem</i>	<i>%</i>
Tempo de atuação no SAMU			
De 6 meses à 2 anos	3	0	42, 85%
De 2 anos à 4 anos	1	0	14, 28%
De 4 anos à 6 anos	0	2	28, 57%
De 6 anos à 8 anos	0	1	14, 28%
Formação complementar			
Especialização em emergência	3	0	42, 85%
Especialização em outras áreas	1	0	14, 28%
Cursos (APH, BLS, ATLS)	4	3	100%
Treinamentos (APH, BLS)	4	3	100%

Fonte: Elaborados pelo autor.

De acordo com o quadro, levando em consideração o tempo de atuação no SAMU, 43% informaram atuar no SAMU entre 06 meses e 2 anos, 14% entre 2 a 4 anos, 29% entre 4 e 6 anos e 14% atuam por um período entre 6 e 8 anos. Contudo, quando comparado com os técnicos, os enfermeiros apresentaram um tempo menor de atuação no SAMU, que ficou entre 06 meses e 4 anos. Quanto a formação complementar, entre os enfermeiros 75% possuem especialização em emergência. Ainda foi possível identificar que todos os profissionais (técnicos de enfermagem e enfermeiros) possuem curso de capacitação em APH, BLS, ATLS e treinamento em APH, BLS.

Portanto, considerando a necessidade de formação técnica especializada, os participantes da pesquisa apresentaram formação qualificada para o serviço de urgência do SAMU.

Diante da complexidade do tema e do objetivo proposto, considerando as temáticas do questionário aplicado, os resultados foram analisados a partir de três categorias, a saber: condições de trabalho da equipe de enfermagem que atua no SAMU; Identificação dos interferentes no processo de trabalho da equipe do SAMU que os tornam expostos a riscos ocupacionais e Principais ocorrências de acidente de trabalho que acometem os profissionais de enfermagem que atua no SAMU.

Categoria 1- Condições de trabalho da equipe de enfermagem que atua no SAMU

Sobre as modalidades de atendimento do SAMU e sobre a vinculação dos profissionais de enfermagem, cabe pontuar que as ações do SAMU são divididas em modalidades denominadas Suporte Básico de Vida (SBV) e Suporte Avançado de Vida (SAV), ambos os modelos exigem uma equipe bem treinada e capacitada. Assim, para o SBV tem-se a presença de um técnico de enfermagem e de um condutor de ambulância enquanto que na SAV tem-se a presença de um enfermeiro, um médico e um condutor de ambulância.

O SBV é uma estrutura de apoio por meio de medidas conservadoras composto por um conjunto de etapas de socorro à vítima que se encontram em risco eminente de morte, esse atendimento ocorre geralmente no ambiente extra-hospitalar pode incluir ações que objetiva a qualidade da circulação e oxigenação dos tecidos, e é caracterizado por manobras não invasivas tais como: imobilização cervical, contenção de sangramento, curativo oclusivo e imobilização em prancha (SILVA et al., 2010).

O SAV também assume as características da modalidade anterior, porém se difere pela a participação do profissional médico e do enfermeiro e pela possibilidade de realização de manobras invasivas de suporte ventilatório e circulatórios, realizando o atendimento nos casos de maior gravidade (MARQUES; FONSECA; ROCHA, 2013).

Quando indagados se são disponibilizados equipamentos de proteção individual no Serviço, todos da equipe de enfermagem responderam que sim, descrevendo os tipos de equipamento disponíveis no SAMU. Os equipamentos disponibilizados são: luvas, máscaras, roupas de proteção, botas, óculos.

Através da prática observacional foi identificado que a equipe de enfermagem realizou a desinfecção da ambulância usando os equipamentos de proteção individual como máscara, óculos e luvas de procedimento para manusear produtos de limpeza, fazendo uso corretamente para se proteger quanto aos riscos ocupacionais.

No SAMU, o uso de EPI como luvas de procedimento, máscara do tipo cirúrgica, óculos de proteção as botas emborrachadas e o uniforme (macacão) são de uso obrigatórios (JUNIOR et al., 2011).

Os profissionais justificam a não adesão aos EPI, pela a interferência desses equipamentos na realização das atividades e procedimentos realizados. Com isso, alguns profissionais relatam utilizar apenas luvas e mascaras, o que os deixam vulneráveis aos riscos ocupacionais como respingos de fluidos corporais em pele e mucosas (NASCIMENTO; ARAUJO, 2017).

Em campo, foi possível observar que uso de alguns EPI são negligenciados, haja vista que ao acompanhar a limpeza e desinfecção da viatura alguns profissionais que atuavam no processo não utilizavam os óculos de proteção.

Outro ponto relevante, a exposição ao sangue foi o risco biológico mais relatado e esses profissionais estão mais susceptíveis a esses riscos em diversas situações, inclusive durante a higienização de material contaminado. Sabe-se que óculos de proteção que devem ser utilizados toda vez que houver contato direto com o paciente e durante a limpeza dos materiais contaminados. Porém, na literatura é predominante relatos de profissionais que fazem o uso apenas de luva de procedimento e máscara e não utilizam uso de óculos de proteção, ficando expostos à respingos de fluidos corpóreos em mucosa ocular, nasal e oral (LEITE et al., 2016).

Nesse sentido Sousa, Sousa e Costa (2014) afirmam que muitos acidentes com risco biológicos envolvendo profissionais do SAMU estão diretamente relacionados com a não adesão ou uso inadequado dos EPIs, que o contato com fluidos corpóreos é um risco frequente nas atividades desses profissionais, e esse risco se torna altamente potencial quando o profissional não utiliza os EPIs adequados.

Ainda referente ao uso de EPI, os participantes da pesquisa ao serem questionados sobre a disponibilização dos equipamentos ou outros materiais específicos no SAMU, todos os enfermeiros e dois técnicos de enfermagem responderam que todos os materiais são disponibilizados, sendo que um técnico de enfermagem respondeu que sente falta do fardamento.

Assim, para além do cumprimento da legislação trabalhista quanto a disponibilização dos EPI, torna-se importante o treinamento e a conscientização dos profissionais que atuam no SAMU sobre a importância do uso dos mesmos, inclusive quando na execução de atividades não assistências, a exemplo da limpeza e da desinfecção da viatura e dos materiais utilizados para atendimento.

Categoria 2 - Identificação dos interferentes no processo de trabalho da equipe do SAMU que os tornam expostos a riscos ocupacionais

Quando perguntados se conheciam a definição de riscos ocupacionais, os participantes da pesquisa responderam conhecer a definição, mas nas respostas não foi possível identificar o conhecimento formal e caro sobre a temática.

E1-Riscos aos quais nós profissionais somos submetidos.

E2- Perigos existentes sobre a saúde do trabalhador.

E3- A vulnerabilidade de sofrer um acidente e de adquirir doenças relacionadas ao exercício profissional.

E4-Riscos funcionais ocasionados no âmbito da função.

TE1- Possíveis lesões decorrentes do trabalho.

TE2- Riscos que o profissional está exposto devido ao trabalho.

TE3- São riscos que podem gerar danos à saúde.

De acordo com Silva et al. (2012) os riscos ocupacionais podem ser classificados em físicos, químicos, mecânicos, psíquicosociais, ergonômicos e biológicos e interferem no processo saúde doença dos profissionais de enfermagem. Considerando as respostas dos participantes, o risco biológico e o mecânico foram os mais frequentes.

Os riscos ocupacionais estão diretamente relacionados ao ambiente e tipo de atividade que é desenvolvida, sabe-se que a equipe de enfermagem que atua no SAMU exerce suas atividades laborais fora do ambiente hospitalar ambientes e, por isso, está mais exposta a riscos de todos os tipos.

Dessa forma, Sulzbacher e Fontana (2013) citam que os riscos ocupacionais fazem referências às condições, procedimentos, condutas e ambientes que podem ocasionar efeito negativo à saúde dos trabalhadores podendo implicar em sofrimento físico, psíquico e social e, até mesmo o óbito.

Para Leite et al. (2016) as exposições a esses riscos podem trazer diversos malefícios à saúde e a qualidade de vida do trabalhador. Assim, em seus estudos, todos os profissionais reconheceram a existência de riscos ocupacionais durante o processo de trabalho.

Risco é caracterizado por qualquer forma ou situação existente em um determinado processo ou ambiente de trabalho capaz de ocasionar danos à saúde, pode ser através de doenças, acidentes, sofrimento físico ou psíquico e poluição ambiental (SILVA; LIMA; MARZIALE, 2012).

Os riscos ocupacionais ainda podem ser definidos como uma ou mais condição de trabalho capaz de causar danos nocivos à saúde humana e que pode resultar em desequilíbrio físico, social e psíquico (NASCIMENTO; ARAÚJO, 2017).

Só a partir do século XX, a área da saúde passou a ser considerada de alto potencial para os riscos ocupacionais e essa relação ocorreu através da ligação entre a ocorrência dos acidentes biológicos com as doenças que atingiam especialmente os trabalhadores da saúde, com ênfase para a equipe de enfermagem e com destaque para os profissionais que serviço de atendimento pré-hospitalar (NASCIMENTO; ARAÚJO, 2017).

Com efeito, vale ressaltar que é de extrema importância a identificação dos riscos ocupacionais quais estes profissionais estão expostos, o que permite conhecer, avaliar, monitorar e reduzir a incidência de acidentes de trabalho durante o desenvolvimento de suas atividades.

Nesse sentido, como premissa básica para o monitoramento dos riscos ocupacionais, o conhecimento sobre os mesmos é de suma importância. Assim, os participantes da pesquisa ao serem questionados sobre os riscos ocupacionais que estão expostos na sua atividade de trabalho do SAMU, foi possível notar que apesar de descreverem os riscos, os profissionais não souberam classifica-los de acordo com a NR 32.

E1- acidentes de transito, postura;

E2- acidentes com perfurocortantes e quedas;

E3- exposição á fluidos (sangue, vômitos, etc), lesão em coluna, riscos á acidentes de trânsito e violência urbana;

E4- ergonomia, riscos biológicos etc;

TE1- lesão na coluna lombar e perfurocortantes;

TE2- agressão física em via pública, contaminação com secreção biológica e acidente automobilístico devido serviço móvel;

TE3 - acidentes com perfurocortantes, acidente com ambulância.

A equipe de enfermagem que atua no SAMU enfrenta diariamente diversas situações que a deixa vulnerável aos riscos ocupacionais, como: lugares de difícil acesso, insegurança na cena da ocorrência, realização de atividades em veículo estático ou em movimento, atendimento com pouca luminosidade, calor, chuva, frio, fluxo intenso de

veículos, presença de animais, tumulto populacional, pessoas com comportamento agressivo e outros (LEITE et al., 2016).

Estudos apontam que existem diversos riscos ocupacionais que envolvem os profissionais que atuam no SAMU, sendo os mais frequentes os acidentes automobilísticos, agressões morais e físicas e acidentes com materiais biológicos os de maior ocorrência (ARAÚJO; MOREIRA, 2015)

Os riscos biológicos ocorrem pelo o contato de microrganismos como: bactéria, protozoários, fungos, vírus, bacilos e parasitas que em contato com o homem podem ocasionar doenças, essa contaminação acontece ao contato com sangue, fluidos corporais e acidentes com perfuro-cortantes (CARRARA; MAGALHÃES; LIMA, 2015).

O segundo risco mais citado pelos sujeitos da pesquisa foi quanto os acidentes automobilísticos com a ambulância do SAMU. Nesse sentido, os riscos acidentais correspondem a inadequação de estrutura física, equipamentos sem proteção, ferramentas, armazenamento inadequado e toda situação que pode colocar o trabalhador em situação de risco afetando sua integridade, e seu bem-estar físico e psíquico (NASCIMENTO; ARAUJO, 2017).

A área física inadequada é considerada como a primeira causa de acidentes e a colisão automobilística como a segunda, uma vez que a ambulância segue em alta velocidade para prestar assistência a vítima em um menor período de tempo possível. Ainda é possível destacar os atritos corporais e a associação com o risco de colisão, sendo de extrema importância o uso do cinto de segurança também pelos profissionais de saúde empregados na viatura (SOUSA; SOUSA; COSTA, 2014).

Através dos resultados foi possível perceber que os profissionais apresentam dificuldades em conceituar e identificar os tipos de riscos ocupacionais presente no ambiente de trabalho, esse fato ficou evidenciado através do não reconhecimento e identificação dos riscos físicos e riscos químicos, cujo não foram citados por nenhum dos participantes.

Sabe-se que os agentes químicos fazem parte do trabalho da equipe de enfermagem e são manuseados cotidianamente seja durante assistência ao paciente, na desinfecção ou esterilização de materiais. Na realidade da equipe de enfermagem que atua no SAMU não é diferente, são utilizados hipoclorito de sódio, glutaraldeído para desinfetar os materiais e superfícies da ambulância. O hipoclorito é um dos produtos químicos mais utilizados, porém deve ser manuseado com o uso dos EPIs adequados,

uma vez que esse é um produto corrosivo e tóxico para a saúde humana e seu vapor pode ocasionar irritação das mucosas e pele (SULZBACHER; FONTANA, 2013).

A literatura aponta dentro da categoria de riscos físicos os ruídos como o mais frequente na equipe de enfermagem por conta da necessidade do uso da sirene da ambulância (LEITE et al., 2016).

De acordo com as respostas também foi citado os riscos de queda, onde corrobora com Sousa, Sousa e Costa (2014) que citam quedas e escorregões como situações frequentes no trabalho dos profissionais do SAMU e podem acontecer por conta da existência de buracos, tapetes, pisos molhados, pouca iluminação nos mais variados locais de ocorrência.

Quanto aos riscos ergonômicos citados pelos participantes da pesquisa, fazendo referência à “lesão em coluna”, “lesão em coluna lombar” e “postura”, cabe considerar alguns aspectos relevantes.

Os riscos ergonômicos são fatores capazes de afetar a integridade física e mental como levantamento e transporte excessivo de peso, postura inadequada, inadequação de mobiliários, ritmo excessivo de trabalho, rotina intensa de trabalho, repetitividade de movimentos e qualquer outro fator capaz de intervir nas condições psicofisiológicas do trabalhador (SILVA; VALOIS, 2011).

Para Leite et al. (2016) entre os riscos ergonômicos, são os mais frequentes na equipe de enfermagem o levantamento de peso representado pelo manuseio da maca com pacientes, cilindros de oxigênio. O autor ainda acrescenta que esses riscos ocasionam distúrbios osteomusculares, dentre os quais a lombalgia é o mais comum. Em relação à postura, Sousa; Sousa e Costa (2014) comprovaram em seus estudos que 18, 2 % dos profissionais do SAMU trabalham em postura inadequada.

Categoria 3- Principais ocorrências de acidente de trabalho que acometem os profissionais de enfermagem que atuam no SAMU

Ao serem questionados sobre se já sofreram algum acidente de trabalho atuando no SAMU, apenas um dos participantes da pesquisa (um técnico de enfermagem) relatou ter sofrido agressão física no momento do atendimento.

De acordo com o art. 19 da Lei nº 8213/91, acidente de trabalho é o que ocorre pelo exercício do trabalho à serviço da empresa ou pelo o exercício do trabalho dos

segurados, podendo provocar lesões corporal ou perturbação funcional que ocasione morte, perda ou diminuição permanente ou temporária da capacidade de trabalho (SILVA; LIMA; MARZIALE, 2012).

Quando um profissional sofre uma agressão física além de ser fisicamente acometido, ele também fica vulnerável psicologicamente. Dessa forma, Bordignon e Monteiro (2016) relatam que a exposição à violência durante as atividades laborais está associada a danos físicos, manifestações emocionais e alterações psíquicas e ainda acrescenta que esse evento interfere negativamente na vida familiar, profissional e social, o que pode resultar em adoecimento, afastamento de trabalho e até mesmo a morte.

As agressões físicas apresentam consequências físicas e psicológicas, dessa forma estudos referem a presença de transtorno do estresse pós-traumático e lesões físicas leves a severas como lacerações de pele ou fratura, implicando em repercussões que impactam diretamente na qualidade de vida desses profissionais, causando adoecimento, medo, insatisfação e altas taxas de absenteísmo (VIEIRA, 2017).

A violência contra a equipe de enfermagem tem se tornado um grande desafio para a saúde ocupacional, visto que esses profissionais apresentam as maiores taxas de agressão física, psicológica, verbal ou sexual quando comparados às outras categorias de profissionais de saúde. Nesse sentido, se destacam os técnicos em enfermagem, uma vez que são os profissionais que estão em contato direto com os pacientes e estão mais expostos ao risco de agressão física (VIEIRA, 2017).

No caso dos profissionais do SAMU, o atendimento de pacientes psiquiátricos com comportamento violento e pessoas usuárias de álcool e outras drogas os expõe ainda mais a situações propensas a agressões. Essas agressões físicas acontecem comumente em comunidades com alto índice de violência, fazendo com que tais condições causem aos profissionais sentimento como medo, ansiedade, depressão e frustração (NASCIMENTO; ARAÚJO, 2017).

A Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT) é um documento emitido que tem o objetivo de informar o acidente que aconteceu no ambiente de trabalho ou durante o trajeto, informar o acometimento por doença ocupacional, e garantir o direito do trabalhador, uma vez que assegura o recebimento de benefícios em situações de afastamento de serviço, bem como é de extrema importância para quantificação de casos e para a estruturação de programas de prevenção (ALVES et al., 2013).

4 Considerações finais

Sabe-se que os riscos ocupacionais fazem parte do cotidiano da equipe de enfermagem que atua no SAMU e estão intimamente relacionados aos cuidados prestados aos pacientes, a exposição frequente a esses riscos podem comprometer o desenvolvimento laboral e ocasionar sérios problemas na vida dos profissionais, do ponto de vista físico, psíquico, social e emocional.

A pesquisa em tela se mostrou de extrema relevância por permitir conhecer, na percepção da equipe de enfermagem os riscos ocupacionais presentes na área de atuação dos profissionais de enfermagem do SAMU, bem como questões relacionadas à rotina e as condições de trabalho cujo esses profissionais estão submetidos.

Entretanto, chama atenção o desconhecimento por parte da equipe de enfermagem a respeito dos riscos ocupacionais aos quais esses profissionais estão expostos, visto que desconhecer e não identificar os riscos são fatores que aumentam a vulnerabilidade para acidentes de trabalho, com potencial para comprometer a saúde desses trabalhadores.

Portanto, apreende-se quanto a importância da realização da educação permanente no sentido de capacitar os profissionais da equipe sobre a identificação dos riscos ocupacionais e as medidas de proteção adequadas para o desenvolvimento de forma segura de suas atividades das atividades laborais. Para além disso, é preciso construir as bases para uma cultura de segurança e promoção de saúde do trabalhador.

5 Referências

ALAN, M.M; CÉSAR-VAZ, MR; ALMEIDA, T. Educação ambiental e o conhecimento o trabalhador em saúde sobre situações de risco. **Ciências, Saúde, Coletânea**. Ed. 10, 2005.

ALMEIDA, C. B.; PAGLIUCA, O. M. F.; LEITE, A. L. A. S. Acidentes de trabalho envolvendo os olhos: avaliação de riscos ocupacionais com trabalhadores de enfermagem. **Revista Latinoamericana de enfermagem**. São Paulo, v.13, n.5, p.708-716, set/out. 2005.

ALMEIDA, Willian Alburquerque de et al. Riscos ocupacionais da equipe de enfermagem no atendimento pré-hospitalar móvel no município de Tangará da Serra – MT. **Convibra**, Mato Grosso, p.1-9, jan. 2013.

ALVES, Amanda Pavinskiet al. Subnotificação de acidentes ocupacionais com material biológico pela enfermagem no bloco cirúrgico. **Rev. Eletr. Enf**, Ribeirão Preto-sp, v. 15, n. 2, p.375-381, jun. 2013. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v15/n2/pdf/v15n2a09.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2017.

ALVES, G. L. B. Stress: como vencer esta batalha? **Extra, a revista do climatério**. n. 2, maio, 2003.

AMESTOY, S. C., SCHWARTZ, E; TROFEHR, N. M. B. A humanização do trabalho para os profissionais de enfermagem. **Acta Paul Enferm**. Ano 4, volume 19, 2006.

ARAUJO, Leticia Renata de Almeida; MOREIRA, Márcia Rodrigues. Riscos ocupacionais enfrentado pela equipe de enfermagem do serviço móvel de urgência. **Revista Falt**, Itapeva, v. 39, n. 1, p.14-23, 02 mar. 2015.

BESSA, M. E. P., et al. Riscos ocupacionais do enfermeiro atuante na Estratégia saúde da Família. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2010; p.644-649. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v18n4/v18n4a24.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2016.

BORDIGNONI, Maiara; MONTEIRO, Maria Inês. Violência no trabalho da Enfermagem: um olhar às consequências. **Rev Bras Enferm**, [internet], v. 69, n. 5, p.996-999, set-out. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n5/0034-7167-reben-69-05-0996.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual Instrutivo da Rede de Atenção às Urgências e Emergências no Sistema Único de Saúde (SUS)**. 1 ed. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2013. 84 p. p. 25-26.

BRASIL. Portaria nº 1.010, DE 21 DE MAIO DE 2012, de 21 de maio de 2012. **Redefine As Diretrizes Para A Implantação do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (samu 192) e Sua Central de Regulação das Urgências, Componente da Rede de Atenção às Urgências**. SADE LEGIS- SISTEMA DE LEGISLAÇÃO EM SAÚDE.

BRASIL. **Série A. Normas e manuais técnicos**: Exposição a Materiais Biológicos. Brasília-DF: MS, 72 p. p.08, 2011.

CARRARA, Gisleangela Lima Rodrigues; MAGALHÃES, Deisy Monier; LIMA, Renan Catani. Riscos ocupacionais e os agravos à saúde dos profissionais de enfermagem. **Revista Fafibe On-line**, Bebedouro-SP, v. 1, n. 8, p.265-286, 2015. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/36/30102015185405.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

CASTRO, A.B.S.C.et al. **Atribuições do enfermeiro do trabalho da prevenção de riscos ocupacionais**. 2010. Disponível em:<http://www.unip.br/comunicação/publicação/ics/edições/2010/01_jan/mar/v.28_n1_2010_p5-7.pdf>. Acesso em: 18 out.2016.

CERVO, A.L; BERNIVAN, P.A. **Metodologia Científica**.5ª ed. São Paulo. Prentice Hall, p242, 2002.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem**. 06/05/ 2015.

COSTA, Isabel Karolyne Fernandes et al. Conhecimento da equipe de enfermagem de um serviço de atendimento móvel sobre precaução padrão. **Cogitare Enferm.**, Natal, v. 17, n. 1, p.85-90, 01 mar. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/26379-96275-2-PB (2).pdf>. Acesso em: 23 nov. 2017.

DIAS, Lêda Patricia Rocha et al. Enfermagem no atendimento pré-hospitalar: papel, riscos ocupacionais e consequências. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, Cajazeiras, v. 3, n. 1, p.223-236, 01 mar. 2016. Disponível em: <http://interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_9/Trabalho_13.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2017.

FERREIRA, M. M. et al. Riscos de contaminação ocasionados por acidentes de trabalho com perfuro-cortante entre trabalhadores de enfermagem. **Rev. latino Americana de Enfermagem**. São Paulo. v.12, n.1, p.36-42, jan/fev. 2004.

FLOR, R. C.; GELBCKE, F. L. Tecnologias emissoras de radiação ionizante e a necessidade de educação permanente para umas práxis seguras da enfermagem radiológica. **Rev. Brasileira de Enfermagem**. Brasília, ano 5, VV. 62, set-out, 2009.

FRANÇA, A. C. L; RODRIGUES, A. L. **Stress e trabalho**: guia básico com abordagem psicossomática. São Paulo: Atlas; 2000.

FUNDACENTRO. PPRA / PCMSO: Auditoria, Inspeção do trabalho e controle Social. **Rev. Brasileira de Saúde Ocupacional**, 28, n. 105 / 106, 2004.

GIL, A. C. **Metodologia do Ensino Superior**. 4ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GOMES, Bonifácio Barbosa; SANTOS, Walquiria Lene dos. Acidentes laborais entre equipe de atendimento pré-hospitalar móvel (bombeiros/samu) com destaque ao isco biológico C. **Revisa**, [internet], v. 1, n. 1, p.40-49, jun-jul. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/11-16-1-PB (1).pdf>. Acesso em: 30 nov. 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em:< http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm >. Acesso em: 10 set. 2016.

JUNIOR, Jair, Gomes et al. Equipe de enfermagem do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) de Montes Claros, MG e os riscos ocupacionais. **Revista Digital. Buenos Aires**, [internet], v. 1, n. 116, p.1-1, nov. 2011.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. Ed. Atlas, 6ª ed., 2011.

LEITE, Hillda Dandara Carvalho Santos et al. RISCO OCUPACIONAL ENTRE PROFISSIONAIS DE SAÚDE DO SERVIÇO DE ATENDIMENTO MÓVEL DE URGÊNCIA - SA. **Enferm. Foco**, [internet], v. 7, n. 4, p.31-35, 2016. Disponível em: <http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/912/342>. Acesso em: 30 nov. 2017.

LOPES, J. E., Efeitos Fisiológicos do Sono. In: **Tratado de Fisiologia Médica**. 10 ed. Rio de Janeiro, ed. Guanabara Koogan S.A.; 2001. p. 644.

LORO, Marli Maria et al. Desvelando situações de risco no contexto de trabalho da Enfermagem em serviços de urgência e emergência. **Escola Ana Nery: Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio Grande do Sul, v. 4, n. 20, p.1114-1129, set. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n4/1414-8145-ean-20-04-20160086.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2017

LUCHTEMBERG, Marilene Nonnemacher; PIRES, Denise Elvira Pires de. Enfermeiros do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência: perfil e atividades desenvolvidas. **Revista Brasileira de Enfermagem, Reben**, Florianópolis-SC, v. 2, n. 69, p.213-220, mar-abr. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n2/0034-7167-reben-69-02-0213.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

MARQUES, Bruna Ritiely Murta; FONSECA, Marcela Guimarães; ROCHA, Antônio Lincoln de Freitas. Uporte básico e avançado de vida: atualização das novas diretrizes de ressuscitação cardiopulmonar (RCP) segundo a literatura. **Revista Digital. Buenos Aires**, Buenos Aires, Año 18 - Nº 181 p.1-8, 2013.

MARTINS, Júlia Trevisan et al. Equipe de enfermagem de emergências: Riscos ocupacionais e medidas de autoproteção. **Revista de Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 22, p.334-340, out. 2014.

MARTINS, M. M.; **Qualidade de vida e capacidade para o trabalho dos profissionais em enfermagem no trabalho em turnos**. Florianópolis, 2002.

MINAYO, M. C. S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciência & Saúde Coletiva, 2012.

NASCIMENTO, Marta Oliveira; ARAÚJO, Giovana Fernandes. Riscos Ocupacionais dos Profissionais de Enfermagem atuantes no SAMU 192. **Id On Line Multidisciplinary And Psychology Journal**. Rio de Janeiro, p. 212-223. jan. 2017. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/614-1861-1-PB.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

PEREIRA, Queli Lisiane Castro; SIQUEIRA, Hedi Crecencia Heckler de; SIQUEIRA, Hedi Crecencia Heckler de. A capacitação da equipe que atua no atendimento pré-hospitalar móvel necessidade e importância da educação permanente na perspectiva dos trabalhadores. **Revista Mineira de Enfermagem- Remebelo**, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p.365-371, jul-set. 2009.

PEREIRA, W. A. P.; LIMA, M. A. D. S. O trabalho em equipe no atendimento pré-hospitalar à vítima de acidente de trânsito. **Rev. Esc. Enferm. USP**. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reesp/v43n2/a10v43n2.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2016.

PEROVANO, Dalton Gean. Manual de Metodologia Científica. Paraná; Juruá,2014.

RIBEIRO, E. J. G.; SHIMIZU, H. E. Acidentes de trabalho com trabalhadores de enfermagem.

Rev. Brasileira de Enfermagem, v. 60, n. 5, Brasília, set/out. 2007.

ROBAZZI, C. C. L. M; MARZIALE, P. H. M. A norma regulamentadora 32 e suas implicações sobre os trabalhadores de enfermagem. Ribeirão Preto: **Rev. Latino- Am. Enfermagem**, v.12, n.5, 2004.

ROMA, Elisângela Vicente Cavalcante et al. RISCOS OCUPACIONAIS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DURANTE O ATENDIMENTO DE URGÊNCIA. **Rev. Ciênc. Saúde**, Nova Esperança, v. 14, n. 2, p.96-104, dez. 2016. Disponível em: <<http://www.facene.com.br/wp-content/uploads/2010/11/Riscos-Ocupacionais.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

ROYAS, A.D.V.; MARZIALE, M.H.P. A situação de trabalho do pessoal de enfermagem no contexto de um hospital argentino: um estudo sob a ótica da ergonomia. **Rev. Latinoamericana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 9, n. 1, p. 102-108, jan. /2001.

SANTANA, Júlio César Batista et al. Perfil dos técnicos em enfermagem de um serviço de atendimento pré-hospitalar. **Rev. Enfermagem Revista**, Doc. [eletrônico], v. 1, n. 18, p.16-27, jan-abr. 2015.

SANTOS, Érick Igor dos; VALOIS, Bruno Rafael Gomes. Riscos ocupacionais relacionados ao trabalho de enfermagem: revisão integrativa de literatura. **Revista Augustu**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 32, p.78-89, jul. 2011.

SANTOS, M. C.; BERNARDES, A.; GABRIEL, C. S.; ÉVORA, I. D. M.; ROCHA, F. L. R. O processo comunicativo no serviço de atendimento móvel de urgência (SAMU-192). **Rev. Gaúcha Enferm**. v. 33, n.1, Porto Alegre, Mar. 2012. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472012000100010>. Acesso em 27 ago. 2016.

SAÚDE. **Rev.Enferm.UERJ**. Rio de Janeiro, v.19, n.2, p.317-323, 2008.

SILVA, Cinthya Danielle de Lima e et al. Riscos ocupacionais no ambiente hospitalar: fatores que favorecem a sua ocorrência na equipe de enfermagem. **Revista de Enfermagem**, Serra Talhada-PE, v. 1, n. 2, p.95-105, Não é um mês valido! 12. Disponível em: <<http://fis.edu.br/revistaenfermagem/artigos/vol02/artigo10.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

SILVA, Elisângelo Aparecido Costa da et al. Aspectos históricos da implantação de um serviço de atendimento pré-hospitalar. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Rev. Eletr. Enf. [internet], v. 12, n. 3, p.151-157, jan. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ree.v12i3.10555>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

SILVA, Everaldo José da; LIMA, Maria da Glória; MARZIALE, Maria Helena Palucci. O conceito de risco e os seus efeitos simbólicos nos acidentes com instrumentos perfurocortantes. **Rev Bras Enferm, Reben**, Brasília, v. 65, n. 5, p.809-814, set-out. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v65n5/14.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

SILVA, L.A; SECCO, I.A.O; DALRI, R.C.M.B; ARAÚJO, S.A; ROMANO, C.C; SILVEIRA, S.E. Enfermagem do trabalho e ergonomia: prevenção de agravos à saúde. **Rev. Enferm.**, UERJ, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Patrick Leonardo Nogueira da et al. Análise dos acidentes de trabalho na equipe de enfermagem: uma revisão integrativa. **Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p.5163-5176, out. 2012.

SILVA, Suélen Fonseca da et al. Dificuldades vivenciadas em um serviço de atendimento móvel de urgência: percepções da equipe de enfermagem. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro: RECOM**, Santa Maria/rs, v. 4, n. 2, p.1161-1172, ago. 2014.

SOUSA, Alana Tamar Oliveira de; SOUZA, Eudes Rodrigues de; COSTA, Isabelle Cristinne Pinto. Riscos ocupacionais no Atendimento Pré-Hospitalar Móvel:: produção científica em periódicos online. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, Arar, v. 18, n. 2, p.167-174, 2014.

SOUZA, I. Capacitação profissional em ginástica laboral: equipe Saúde em Ação. Campinas: (SP): Resumo de Apostila. **Rev.Digital**, ano 10, n. 77, 2003.

SOUZA, L. R.; FERNANDES, H. C; VITÓRIA, E. L. **Avaliação do nível de ruídos causado por diferentes conjuntos mecanizados**. Revista Bras. de Saúde Ocupacional , 2004.

SOUZA, M. P.; LEITÃO, S. V.; PINTO, R. M. et al. Condições ergonômicas dos postos de trabalho de inspeção na indústria cerâmica. Departamento de Engenharia Industrial. **Escola Superior de tecnologia**. Castelo Branco, Portugal, 2002.

STUCHI, V. H. N. **A valorização do trabalho humano como forma de realização do ideal de justiça social**. Scientia FAER, Olímpia - SP, Ano 2, v. 2, 1º Semestre, 2010. Disponível em:<http://www.f aer.edu.br/revistafaer/artigos/edicao_2/victor.pdf>. Acesso em 17 Ago. 2016.

SULZBACHER, Ethiele; FONTANA, Rosane Teresinha. Concepções da equipe de enfermagem sobre a exposição a riscos físicos e químicos no ambiente hospitalar. **Rev Bras Enferm-reben**, Brasília, v. 11, n. 1, p.25-30, jan-fev. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v66n1/v66n1a04.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

TONI, M. Visões sobre o trabalho em transformação. **Rev. Sociologia**. v. 5, edição 9, Jan/2003.

VIEIRA, Gisele Lacerda Chave. Agressão física contra técnicos de enfermagem em hospitais psiquiátricos. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. [internet], v.42, n.9, p. 1-9. 2017. Disponível< <http://www.scielo.br/pdf/rbso/v42/2317-6369-rbso-42-e8.pdf>> Acesso em: 02 dez. 2017.

ZAPPAROLI, A. S.; MARZIALE, M. H. P. Risco ocupacional em unidades de Suporte Básico e Avançado de Vida em Emergências. **Rev. bras. enferm**. v. 59, n.1, Brasília, Jan./Fev. 2006.